

Kenneth Camargo

O papel da militância e dos pesquisadores na atual conjuntura, a substituição da discussão política pela discussão econômica e a descrença no processo político são questões discutidas pelo sanitarista Kenneth Camargo em entrevista ao Observatório de Análise Política em Saúde (OAPS). Médico e doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mesma universidade onde atua como professor associado, Camargo afirma que o descrédito da política é motivo de alerta. "Eu acho que tem uma descrença no processo político democrático que é muito perigosa porque a gente sabe onde é que isso vai dar [...] Se você não resolve as coisas por meio da mediação política, por meio da negociação, por meio do Estado, o quê que vai sobrar? Vai ser a força, vai ser a violência, e não necessariamente a gente tem mais força. Se a disputa se reduzir a isso é muito complicado, a gente já perdeu mais de uma vez no passado quando chegou nesse nível". Na entrevista, o docente também critica o discurso da suposta necessidade de uma política de austeridade no país e o impacto da PEC 241, que segue como PEC 55 no Senado. "Quais as consequências dessa limitação do gasto? E a limitação do gasto é social porque o gasto com juros não tem teto. Tem uma série de coisas que ficam escondidas nesse discurso e a gente vê a intencionalidade do que está por trás disso que é de desmontar, eu acho que não só o que a gente conquistou pós Constituição, mas algumas coisas que vêm desde a CLT [Consolidação das Leis do Trabalho]", afirma. Leia a entrevista do mês de novembro na íntegra!

Observatório de Análise Política em Saúde (OAPS): Assistimos sua fala no debate realizado no 7º Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde (7º CBCSHS) da Abrasco – Associação Brasileira de Saúde Coletiva e uma das coisas que chamou a atenção foi que, ao discutir essa conjuntura que a gente vive no Brasil, você destacou que é preciso retomar a militância, que se achou que muitas coisas estavam conquistadas, mas agora foi percebido que não, que muitas coisas que estavam dadas como consolidadas estão novamente sob ameaça. Isso é fruto de uma autocrítica do papel da militância, da pesquisa?

Kenneth Camargo: Da militância, da perspectiva política, pensando de uma forma muito mais geral, a esquerda como um todo, não necessariamente um partido específico nem um movimento social específico. Pensando muito na trajetória de longa duração, não só nos acontecimentos recentes. A gente teve uma série de vitórias importantes com o fim da ditadura, mas sempre uma coisa negociada e uma tentativa o tempo todo de conseguir espaço no Estado. O que é necessário, não estou de forma alguma negando o papel do Estado, mas como se uma vez que você chega lá, você garantiu o teu espaço e aquilo não irá ter uma reversão. O problema é que sem você mudar as próprias relações do Estado, as



relações políticas, essa conquista é provisória, como a gente infelizmente está tendo isso demonstrado constantemente, o verdadeiro rolo compressor que está sendo feito em cima de uma série de coisas, que mostra a necessidade, e eu acho que talvez tenha um pouco a ver com a questão da pesquisa e da própria militância política mais geral, de como é que você horizontaliza, capilariza mais o que a gente está pensando.

O resultado das últimas eleições mostra que não necessariamente você tem o grosso da população pensando em sintonia com o que a maior parte das pessoas que, por exemplo, estão nesse Congresso [7º CBCSHS] estão pensando. Eu acho que tem uma questão complicada com relação à mídia, a grande mídia empresarial, que é absolutamente monopolizada, ela é claramente direcionada, manipuladora, eu acho que não dá para negar nada disso. Tem um colega da UERJ, do IESP – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, João Feres, que criou um dispositivo que é chamado "Manchetômetro". Ele vem acompanhando há muito tempo o noticiário, as manchetes que saem nos principais jornais, mostrando se são favoráveis, indiferentes ou desfavoráveis ao governo, também em relação aos telenoticiários, e ele mostra total enviesamento contra o governo [Dilma]. Mas o que eu acho que foi mais preocupante, e a gente não teve tempo de discutir isso na mesa, foi uma coisa que apareceu depois no GT [grupo de trabalho] que eu estava e que me assusta mais. Não é nem necessariamente só o fato das pessoas terem votado em políticos claramente conservadores, alguns até muito reacionários de direita, é você ver que nas principais capitais brasileiras a maior parte dos votos foi de brancos ou nulos. E eu acho isso mais aterrador do que as pessoas votarem na direita, é as pessoas desistirem de votar. Eu acho que tem uma descrença no processo político democrático que é muito perigosa porque a gente sabe onde é que isso vai dar, pra aparecer um salvador da

pátria... Porque você fica constantemente martelando essa coisa, 'político é tudo igual, político é tudo corrupto', você vai criando uma descrença no processo político. Se você não resolve as coisas por meio da mediação política, por meio da negociação, por meio do Estado, o quê que vai sobrar? Vai ser a força, vai ser a violência, e não necessariamente a gente tem mais força. Se a disputa se reduzir a isso é muito complicado, a gente já perdeu mais de uma vez no passado quando chegounesse nível. Eu acho que, antes de mais nada, é uma questão de reestabelecer esse espaço da política com "P" maiúsculo, não no sentido da coisa partidária, mas no sentido da *policy*, dos vários discursos, de como a gente pensa, qualifica, equaciona as situações, como sair delas.

A outra coisa que acho que é complicada, e que me toca particularmente dentro da perspectiva que eu trabalho teoricamente, do ponto de vista da pesquisa, é a mistificação em torno de determinados aspectos da ciência, aí no caso particularmente da discussão mais geral da economia. O que eu falei na mesa, que é uma coisa que eu venho denunciando há muito tempo e que várias pessoas têm colocado, é essa ideia de que tem uma substituição do debate político por uma discussão econômica, e é uma discussão econômica apequenada porque ela fica restrita a uma teoria econômica, a teoria neoclássica, essa coisa de que você tem que ter austeridade fiscal, e é impressionante porque demonstravelmente isso é falso. Tem certos exemplos empíricos de que esses processos de austeridade, sobretudo em momentos de depressão, pioram o problema, fazem com que a depressão se aprofunde, com que a saída da recessão econômica demore mais, aumenta o desemprego. E é exatamente isso que está tentando se implementar aqui no Brasil com essa PEC infernal 241 [que segue como [PEC 55](#) no Senado] né, mas vendida com argumento de racionalidade.

OAPS: Essa substituição da discussão política por essa perspectiva econômica bem enviesada encontra consonância na academia? Você citou que essa é apenas uma das correntes, mas é colocada como única, como a verdade. Por outro lado, tem uma dificuldade de se falar sobre economia para ampla população, não é?

Kenneth Camargo: Um dos autores que eu gosto muito de trabalhar é o Georges Canguilhem, de "O normal e o patológico". Ele tem um livro que se chama "Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida" e ele faz esse conceito muito interessante de "ideologia científica", que seria o que se apresenta como ciência, mas faz um discurso, nas palavras dele, que é hiperbólico, é exagerado em relação ao que uma ciência poderia fazer. Então, parece que é ciência, mas é alguma coisa que está sendo ideológica e que está fazendo uma afirmação para além do seu potencial de validade.

Por mais que se possa utilizar de modelos matemáticos extremamente complicados, complexos e sofisticados, a economia é também uma ciência social, é uma ciência histórica e é também uma ciência humana, então esses modelos não são tão preditivos assim. Um exemplo que eu gosto muito de usar: na década de 90, nos Estados Unidos, foi criado um fundo de administração de capital chamado de *Long-Term Capital Management* (LTCM) que tinha

no board de diretores dele o 'quem é quem no mundo da economia americana', incluindo dois prêmios Nobel de Economia. Os caras falharam tão miseravelmente que criaram uma crise sistêmica no Estados Unidos que precisou de uma intervenção maciça do governo, umas dessas crises periódicas que vêm acontecendo, e a gente precisava intervir maciçamente para evitar o colapso do sistema financeiro.

Tem uma jornalista canadense chamada Naomi Klein que escreveu o livro "*The Shock Doctrine*", traduzido para o português [*A Doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*], e ela mostra como é que você consegue implementar uma série de medidas antipopulares, não são só impopulares, elas são antipovo, dentro de um contexto de crise. Ela mostra alguns exemplos, o primeiro grande laboratório desse negócio foi no Chile com a ditadura Pinochet, a intervenção econômica foi patrocinada pelo o que se chamava de 'Chicago Boys', que foi a turma que estudou com Milton Friedman em Chicago. Então assim, a gente começa a estabelecer uma hegemonia por meios políticos e não acadêmicos, não é como se tivesse havido um grande debate na academia sobre economia e tivesse alguma evidência empírica ou científica de que essa teoria é melhor do que a outra ou não. Então, essa ênfase nessa lógica é muito boa para o mercado de capitais, é muito boa para uma economia que privilegia o rentismo, mas é muito ruim para todo mundo, para todas as outras pessoas. A crítica, com base em dados empíricos, que o Piketty [Thomas Piketty] faz em "*Capital no Século XXI*", mostrando que essa questão do crescimento da desigualdade é estrutural do capitalismo, não é um incidente, e se não for mitigado com uma série de políticas redistributivas fica cada vez pior, eu acho que a gente está vendo as consequências disso. Mas existe toda uma mistificação, e aí entra a coisa interessada da mídia, quer dizer, a forma como isso é apresentado para a população é se como não tivesse outro jeito e quem se coloca contra isso é contra o país.

O que eu acho interessante e tem de novo em relação há alguns anos atrás é que na internet há algum espaço para dissenso, não sei até que ponto isso vai fazer alguma diferença no ponto de vista da política macro, mas você começa a ver que tem coisas como a [Plataforma Política Social](#), tem determinados grupos que têm procurado fazer uma crítica consistente e tem pessoas da área de economia que não rezam pela mesma cartilha monetarista neoclássica que esse povo reza, mas fica muito difícil porque você apresenta uma coisa com essa voz de autoridade de uma suposta ciência... então assim, não há outra coisa a fazer, não tem outro jeito, e essa inevitabilidade tende a ser desmobilizadora do ponto de vista da política. É um pouco nesse sentido que eu estava falando, eu acho que tem que dizer "Ó, acorda! O buraco é mais embaixo, isso não é bem assim, estão te enganando. Olha o que aconteceu nesse país e naquele, onde essas medidas estão sendo implementadas o desemprego aumenta, aprofunda. Olha o que aconteceu na Grécia, olha o que está acontecendo em Portugal, estão querendo fazer a mesma coisa aqui, desmanche do Estado social que a gente

nem conseguiu construir, já estão tentando desmontar".

*Quais as consequências dessa limitação do gasto? E a limitação do gasto é social porque o gasto com juros não tem teto. Tem uma série de coisas que ficam escondidas nesse discurso e a gente vê a intencionalidade do que está por trás disso que é de desmontar, eu acho que não só o que a gente conquistou pós Constituição, mas algumas coisas que vêm desde a CLT [Consolidação das Leis do Trabalho]. Tem uma campanha que eu estava lendo, não cheguei a ver, mas que o **governo estava dizendo** que o brasileiro tem mais férias do que qualquer povo do mundo. O Ministério do Trabalho não vai fazer uma propaganda sobre isso se não estiver com a intenção de reduzir o período de férias e é uma coisa que está escrita na lei. E isso de atacar a aposentadoria especial dos professores, quer dizer, eu acho que começam a eleger uma série de culpados e a estigmatizar. As pessoas no geral começam a repetir esse discurso sem se dar conta, até porque é difícil ter fontes alternativas de informação. A conjuntura que a gente está enfrentando é muito difícil, mas a gente tem que abrir a boca, não pode ficar calado.*

OAPS: Onde é que você acha que pode haver mais resistência da população? A PEC está andando e tem todo esse discurso de que é importante para o país, para salvar as contas, mas tem depois a proposta da reforma trabalhista, as pessoas se sentem mais atingidas por ela, e há uma ideia de que possa ter uma resistência um pouco maior.

Kenneth Camargo: *Eu acho que a dificuldade é que essas coisas são colocadas em termos muito esotéricos. Se você começar a falar que "porque o orçamento nacional, os gastos por serviços da dívida etc" as pessoas começam a fechar o olho e ficar com sono, isso parece muito remoto, mas não é. E eu acho que o problema não é só do Brasil, a gente acabou de ver isso acontecer, esse voto do Brexit no Reino Unido foi vergonhoso! Em cima de informação completamente manipulada. O Nigel Farage, presidente do Ukip [Partido de Independência do Reino Unido], que é o partido mais reacionário que eles têm lá atualmente, racista, xenófobo etc, tinha um ônibus circulando escrito do lado "São 350 milhões de libras que pagamos todos os meses para a União Europeia que podiam ir para o NHS, o serviço nacional de saúde". No dia seguinte que saiu o resultado do plebiscito uma repórter perguntou "E então, aqueles 350 milhões vão para o NHS?". Ele falou "Eu nunca disse isso", entendeu? No Reino Unido, um lugar que tem carta magna do século XII, que faz eleição, uma democracia ocidental etc etc, e você tem esse grau de desinformação.*

Eu acho que essa é a grande batalha, é uma coisa muito preocupante em escala mundial porque você tem uma consolidação da mídia em praticamente todo o mundo. E aqui no Brasil é um caso pior de todos, eu acho, pelo menos das maiores economias, porque essa situação que você tem da mídia seria ilegal no Estados Unidos, a organização Globo não poderia ter o jornal de maior circulação na cidade e ao mesmo tempo uma rede de televisão e rede de rádio, eles teriam que optar por uma delas. Foi o que se tentou fazer com a Ley de Medios na Argentina e eu acho que a gente devia ter tentado aqui. O problema é que são tantas coisas urgentes por

fazer que você acaba deixando de lado e pensando que está resolvido, e aí voltam os pesadelos e assombram de novo. Eu acho que essa questão da desinformação, da veiculação ativa de desinformação, é uma coisa que está acontecendo em nível global, agora é óbvio que depende da população estar mais ou menos preparada para poder decifrar o que está por trás disso. E eu acho que tem uma coisa do próprio aprendizado democrático, o nosso foi interrompido, a gente ficou 21 anos sob a ditadura, então tem uma série de coisas que contam contra o processo aqui no Brasil, eu acho que a gente vai levar um tempo tomando na cabeça, infelizmente. Acho que uma das tarefas seria essa, retraduzir para a população o que significam essas medidas. Eu não vou entrar na discussão de corrupção, se não tem corrupção, eu acho que quem cometeu algum crime tem que ser punido. Mas quando você olha mais desapassionadamente possível fica claro que tem uma coisa concentrada em um determinado partido e não em outros, quer dizer, o que é para ser apurado em relação a um demora tanto tempo que prescreve, o Eduardo Azeredo está solto. Então você tem uma coisa que foi direcionada claramente para um partido e algumas pessoas da própria esquerda têm a ilusão de que vão escapar indenados disso, a eleição mostrou que não. Essa ação coordenada Judiciário, Ministério Público mais a grande imprensa cria um descrédito na política de uma maneira geral, então a "ladeira" que a gente tem que subir é muito pronunciada.

OAPS: A quem interessa esse descrédito da política?

Kenneth Camargo: *Os de sempre. Que tem a lucrar com isso? No caso da saúde, é óbvio que é o empresariamento privado da saúde. Eu me lembro que há muitos anos atrás, na época ainda antes do SUS, eu li um livro sobre administração hospitalar e tinha um capítulo que falava sobre o marketing na saúde. A primeira frase, tô falando de memória, mas é quase isso: "a má qualidade dos serviços de saúde prestados pelo INPS [Instituto Nacional de Previdência Social] oferece uma excelente oportunidade de negócios na área de saúde". Eu diria que é o contrário, para que você tenha uma excelente oportunidade de negócio na área de saúde, o serviço público tem que ser ruim ou percebido como ruim. Constantemente as pessoas ficam batendo em cima de uma série de erros em relação ao SUS, sempre para perpetuar essa imagem de má qualidade no setor público, que de fato tem problemas, mas se for fazer o mesmo "pente fino" em relação ao setor privado, você vai encontrar as mesmas coisas e as pessoas estão pagando caro por aquilo. Se você olhar do ponto de vista do financiamento, você tem que, do gasto total de saúde do país, 55% é privado e 45% é público, mais ou menos. Esses 55% dão conta de 30% da população, e os 45% de 70%, então o SUS é eficiente pra burro no que ele está fazendo e poderia ser muito mais. É óbvio que se tem um interesse de que não se tenha um setor público de saúde, por exemplo, fortemente estruturado com confiança da população. É óbvio que quem é empresário da educação não tem interesse que teve uma expansão do ensino público, ainda que se tenha tido uma expansão de ofertas do setor universitário no setor privado, e ainda assim tão se lascando também, né. Então é claro para quem quer lucrar o máximo possível, extrair o máximo de mais valia, não interessa que o trabalhador tenha direitos. O problema é que existe uma aliança muito forte desses setores materializada na mídia.*

OAPS: Como é que a gente pode enfrentar isso? Como conseguir se comunicar com a população de forma a conseguir, por exemplo, fazer temas como a PEC 241 [atualmente PEC 55 no Senado] ser mais facilmente compreensível ou tentar entender porque o SUS deve ser abraçado e defendido, para além do acesso aos serviços, mas por uma própria questão dos seus princípios e valores?

Kenneth Camargo: Eu acho que existe um trabalho político de comunicação e acho que essa é uma briga que a gente perdeu. Tem gente especialista nisso, eu não sou, tem um GT sobre isso, Comunicação e Saúde. Falando um pouco, mais como leigo e observador do que qualquer outra coisa, eu acho que primeiro a gente tem que começar a se preocupar como é que, enquanto pesquisadores, a gente consegue fazer com que o que a gente está falando chegue em uma população mais ampla, quais são os mecanismos que a gente pode utilizar. Lá na minha universidade [Uerj] estou trabalhando na Sub-Reitoria de Pós-Graduação em Pesquisa e a gente está com um projeto que ainda não conseguiu começar porque a situação está muito complicada e a gente já veio de uma greve longa, mas está na agenda começar a fazer sessões de divulgação científica para a população em geral. A Uerj tem um teatro grande e fica do lado de uma estação grande de metrô e uma estação grande de trem e tem um monte de gente que usa o campus como ponto de passagem, então se pode fazer, por exemplo, umas 18h, alguma coisa curta que as pessoas estejam participando, aí entra um pouco mais tarde no transporte de massa e já não pega tanto trânsito. Também o IMS [Instituto de Medicina Social], junto com outras unidades da área de saúde da Uerj, acadêmicas e assistenciais, está organizando uma série de atividades em defesa do SUS. Já fizemos duas mesas com ampla divulgação e grande audiência.

A gente tem que aprender a falar essa linguagem, temos que aprender a não só falar entre nós, mas com a população em geral, o que não significa ser paternalista, mas é sair do jargão. O jargão de uma subárea científica e o jargão de uma outra subárea também não se entendem, isso não é privilégio de ninguém. [Temos que] tornar essas coisas mais acessíveis e tentar explorar as potencialidades que a internet oferece. Você tem hoje em dia vlogs que têm milhões de seguidores, são pessoas que saíram do zero, não tinham uma infraestrutura de comunicação, agora estão fazendo convênios e acordos. Eu acho que é pensar como a gente pode atrair e tem que conversar com quem é especialista nessas coisas, pessoal da área de jornalismo e comunicação. Eu não vou escrever um paper que as pessoas não vão ler, se eu quiser que as pessoas leiam o que postei na internet não pode ser um texto de quatro páginas, se eu quiser fazer um vídeo para informar alguma coisa ele não pode ter uma hora de duração. Não que a gente vá abrir mão de todas essas outras coisas, mas acho que você pode introduzir as pessoas a um tema e dizer 'olha, quer saber mais? Tem esse link aqui', tentando cativar para divulgar o que a gente está fazendo.

Eu acho que a militância política tem que voltar a ter força, tem muita gente da militância que vai para o aparelho de Estado, daí quando vão, por todas as razões óbvias... não estou fazendo nenhuma crítica, tem que fazer administração e quem está fazendo administração às vezes não tem nem tempo de estar fisicamente, às vezes faz uma carreira política comunitária no

Rio de Janeiro e é convidado para trabalhar no Ministério da Saúde e vai para Brasília, mesmo que fique indo e voltando vai estar a maior parte do tempo lá, então você meio que corta os vínculos querendo ou não. E outra coisa é se aliar a alguma coisa que já está acontecendo, como o movimento dos agentes comunitários de saúde. Existe uma pressão muito grande para acabar com eles, esse "Criança Feliz" é uma barbaridade, eu fico revoltado só de pensar nisso, mas na medida que eles estão se articulando, é tentar conversar com a liderança, dizer 'olha estamos juntos, o que podemos fazer também?'. Até porque são essas pessoas que estão conseguindo fazer essa mediação, são pessoas da comunidade, eles são os anfíbios, conseguem conversar com a gente, com o pessoal de saúde, mas também conversam com a comunidade de origem deles. Então, como a gente pode, a partir disso, de fato trazer o debate mais amplo e até começar a mostrar 'olha, está vendo esse valão aqui que todo mundo fica doente? Esse valão está aqui porque a gente não tem uma política de saneamento decente, porque se está investindo muito menos do que deveria estar'.

Tem que acabar com determinados mitos, quando falo em comunidade não é só necessariamente as pessoas mais pobres, classe média é desinformada pra burro, você vê as pessoas repetirem falácias como se fossem verdade. Essa coisa de que o Estado brasileiro está inchado, o IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada] fez um estudo, a gente tem menos funcionário público por habitante do que tem no Estados Unidos; do ponto de vista de gasto com saúde, em relação ao percentual do PIB [Produto Interno Bruto], o Brasil tem um dos piores indicadores da América Latina, não estou comparando com países da Europa ou América do Norte. Então assim, existe espaço para a gente fazer coisas. E eu acho triste porque a gente estava em uma trajetória de crescimento do investimento em saúde e educação, que ainda é muito pequeno, e ele é abortado, essa PEC 241 efetivamente aborta isso com consequências dramáticas. Tem uma série de coisas, quando você começa a pensar em termos de populações específicas, por exemplo, a população brasileira de idosos está aumentando e a gente sabe que o idoso tem mais tendência a ter problemas múltiplos de saúde. Então a gente vai ter um aumento, certamente, das demandas por serviços de saúde ao mesmo tempo em que se está desinvestindo, está deixando de colocar recursos. É o que o Gastão estava falando [no debate do 7º CBCSHS da Abrasco]: 'Nenhum governo bancou integralmente o SUS, sempre foram favoráveis, mas com restrições. Mas essa é a primeira vez desde a redemocratização que a gente tem o governo contra o SUS'. Isso é uma coisa que também deve ser denunciada. Mas aí você tem as contradições internas também, uma das raízes históricas do sindicalismo brasileiro sempre desconfiou do serviço público de saúde, se você for ver as pautas das reivindicações dos metalúrgicos na década de 70 no ABC, além da questão salarial, era ter plano de saúde como parte do contrato coletivo.

OAPS: Os trabalhadores não se integraram a essa luta?

Kenneth Camargo: Sim, o que em um certo sentido é um puta retrocesso. A luta que teve na década de 30/40, depois da CLT, era para ter os serviços de saúde próprios da categoria profissional. Eu me lembro que quando o Hésio [Cordeiro] assumiu a direção do Inamps [Instituto Nacional de

Assistência Médica da Previdência Social] e, uma das coisas que ele fez até antes da Constituição de 1988, foi repassar o INAMPS para o Ministério da Saúde, teve gente da esquerda acusando ele de roubar o patrimônio do trabalhador porque o Inamps era exclusivo de quem tinha carteira assinada e ia ser aberto para todo mundo. Tem até uma coisa complicada nessa história, eu acho que a gente tem um processo de reeducação política e de colocar assim 'olha, a sociedade pra ir para a frente tem que ser solidária'. Me impressiona muito um artigo que eu li no *Guardian* de um colunista chamado George Monbiot que escreveu um **texto** muito interessante falando do neoliberalismo como uma ideologia que não é vista como tal e que é extremamente pervasiva, então essa ideia de meritocracia, de competição, elas são pervasivas, elas se espalham por toda a parte. Isso é parte do problema porque se eu estou interessado só em ter o meu, garantir a minha questão, o meu crescimento pessoal e profissional e danem-se os outros, ou 'tomara que os outros se danem porque assim o meu está garantido', é muito mais difícil porque como é que eu vou construir política solidária se esse tipo de pensamento é tão difundido? De novo, você vê isso em outros países, vários analistas apontando para a aparente contradição que tem no Estados Unidos do sujeito de classe média baixa votando no Partido Republicano como uma plataforma de reduzir impostos para os mais ricos, mas o raciocínio do cara é assim 'eu vou ser rico e no dia que eu for rico não quero que aquelas pessoas metam a mão no meu dinheiro'. E eu acho que um pouco desse tipo de raciocínio está se difundindo por aqui e toda uma série de mitos como essa ideia de que a nossa carga tributária é a maior do mundo. Não é verdade, ela é relativamente baixa, agora ela é injusta, extremamente mal distribuída, quem é rico paga muito imposto, quem é pobre pode até não pagar imposto de renda, mas o que paga em cima do consumo proporcionalmente é muito maior, quanto menos renda você tem mais imposto indireto você paga, porque você não poupa, é do salário direto para pagar conta que já está devendo. Então você tem que consumir coisas que são obrigatórias como comida, luz etc, e fica adiando e pagando juros em cima disso e faz empréstimos consignados, essas pessoas acabam pagando proporcionalmente muito mais imposto do que o sujeito que é milionário. Tem dois países no mundo que não tem taxaço sobre o dividendo, é o Brasil e o outro acho que seja a Estônia, nem no Estados Unidos o dividendo deixa de ser taxado, isso foi uma invenção Tucana que não se mexeu.

Então tem uma série de coisas complicadas para um lado da sustentabilidade econômica e por outro da sustentabilidade política que a gente precisa resolver, mas isso a gente tem que anunciar para o mundo, acho que é uma coisa para pensar, quem é da área de comunicação, o que é que a gente pode fazer, eu não tenho uma resposta muito clara para isso. Eu posso falar de algumas tendências, eu imagino que as novas tecnologias de comunicação abrem um espaço que eu não tenho a menor ideia de pra que lado vai, não necessariamente isso é benéfico, mas é por onde a gente pode intervir. Também recivilizar a própria coisa do debate,

isso é uma coisa que me assusta muito, eu acho que o que está acontecendo aqui no Brasil em uma velocidade muito grande, mas eu vejo isso acontecendo em uma escala mundial, é o discurso violento, é a agressão que está contida, não é debate. E não quero simplesmente discutir com você ou convencer você de que eu estou certo e você está errado, é eliminar a possibilidade de que você possa falar, às vezes eliminar fisicamente a outra pessoa. Eu acho que olhando um pouco para trás a 'ruptura do ovo da serpente' pra mim se deu em 2013. Teve uma série de manifestações que começaram de uma forma muito interessante, começa com o protesto de São Paulo contra o reajuste da passagem que foi brutalmente reprimido pela polícia de São Paulo, aí teve uma série de protestos em solidariedade no Brasil inteiro que foram também brutalmente reprimidos pelas polícias militares locais e de alguma forma a manipulação midiática conseguiu federalizar, é a expressão que um cientista político usou, e canalizar isso como um protesto contra o governo federal. E aí tem uma ressurgência de coisas que eu não tinha visto antes pedindo a volta da ditadura, volta dos militares, 'por que que só torturaram, tinham que ter matado todo mundo', tinha gente com faixa desse tipo, e isso é fascismo, é fascismo nu e cru. O que me assusta é essa banalização, essa normalização desse tipo de fala, coisas que eram inadmissíveis, que você podia falar para um barbeiro ou uma pessoa que estivesse ao seu lado, um motorista de taxi, mas você não admitiria isso como um discurso público e de repente passa a ser dito como um discurso público e circula, as pessoas se reforçam. Eu acho que talvez a tarefa mais urgente é arrefecer isso.

OAPS: Uma coisa que Sonia Fleury falou em uma entrevista para o OAPS é que vai haver uma crise social. Muita gente fala da crise política e econômica, mas tem uma crise social aí?

Kenneth Camargo: Sociocultural talvez. É porque é uma coisa que pouca gente fala do golpe de 64, a gente fala do golpe militar, mas foi um golpe civil militar. O DOI-CODI começou como a Operação Bandeirante que era uma coisa financiada por empresários da elite paulista, e se teve o trabalho de minar o governo a partir de determinadas agências supostamente independentes, na época rendeu uma CPI que mostrou que [as agências] estavam sendo financiadas por agências americanas, o Ipês [Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais] e o IBAD [Instituto Brasileiro de Ação Democrática], e a gente só está tendo a reprodução disso agora. Esse negócio de Movimento Brasil Livre, já mostraram todas as conexões que isso tem com quem financia o Movimento Tea Party nos Estados Unidos, o problema não é necessariamente o governo americano, mas setores de extrema direita do Estados Unidos que têm jogado pesado lá dentro também e que têm financiado os caras aqui. Tem isso, a gente fomentando esse tipo de discurso e de atitude que é muito perigoso e que no limite é a negação da própria política, 'ou é o que eu estou dizendo ou é pau para cima de todo mundo'. Isso não é política, não é negociação.

Confira outras entrevistas do OAPS:



Luis Eugenio de Souza



Gastão Wagner



Leonardo Federico



José Gomes Temporão



José Carvalho de Noronha



Eduardo Mota



Antônio José Costa Cardoso



Estela Aquino



Luiz Roberto Santos Moraes



Lenir Santos



Maria da Glória Teixeira



Ana Luiza D'Ávila Viana



Léo Heller

Expediente

Coordenador Geral : Jairnilson Paim

Coordenação Executiva OAPS: Maria Guadalupe Medina

Equipe OAPS: Maria Clara Guimarães | Gerluce Alves

Coordenação Executiva CDV: Carmen Fontes Teixeira

Equipe CDV: Maria Clara Guimarães | Maria Creuza Silva

Comunicação: Inês Costal | Patrícia Conceição

Design: Gilson Rabelo | Juliana Argolo